outubro, êle, em Almada, chamando às armas a população daquela vila, implantou a república, arvorando, num edifício público, a bandeira verde rubra, o seu espírito — diz-nos o coração — sentiu, por momentos, a embriaguez da vitória, e uma esperança de que a sociedade caminharia mais depressa para a felicidade que por momentos também lhe acalentou a alma.

Depois... tudo como dantes, a mesma miséria, as mesmas injustiças, a mesma repressão e, consequentemente, a mesma necessidade de revolta, o pensamento em rebelião contra a miséria e despotismos do regime novo. E os homens que ontem lhe apertavam a mão, chamando-lhe amigo, ao verem a sua atitude hostil e subversiva, encurralaram-no, premiando assim, sem um vislumbre de pudor, de dignidade e de honra (que ingénuo eu sou ainda! o sacrifício máximo que êle dispendeu na subversão da velha monarquia.

Hoje, os que ontem o ultrajaram, expressaram à família os seus sentimentos pela sua morte — irrisão suprema! — e, cabisbaixos, dando-se ares de tristeza, lá foram atraz do ataúde prestar a última homenagem ao finado que, se podesse ver e adivinhar o pseudo sentimento de todos aqueles corifeus, e um sopro de vida o avigorasse momentâneamente, êle gritaria cheio de despreso e de esplendor:

«Porco mundo!»

Safada gente!

Bartolomeu Constantino morreu...

Oh! gente nova, oh! gente audaz tem bem presente, como eu tenho, no cérebro e no coração, o exemplo dêsse que foi grande, que deixa uma obra a lembrá-lo e que, sempre intrépido, sempre denonado, na brecha sempre, nunca deixou de pugnar por os humildes esforçando-se para que uma sociedade nova, equitativa e justa viesse nivelar as classes, varrendo os preconceitos, destruiudo os pergaminhos, tornando, enfim, todos iguais e felizes.

Não viu êle essa sociedade? E nós chegaremos a disfrutá-la? Não importa; olhemos para êle e para tantos outros que como êle lutaram, e confiemos e trabalhemos que ela um dia será um facto.

Agora, em presença do seu cadáver, não iremos, não, prantear a sua morte, mas apenas a saudade, viva, perdurável, subsistirá no nosso espírito.

J. SALGADO.

PROPAGANDA LIBERTÁRIA. — **Reune hoje, às 20 horas, no local do costume, e espera-se que ninguém falte.**

ANTES DA GUERRA

Antimilitarismo e revolução

CHARLES ALBERT RESPONDE A KRAPÓTKINE

I

Depois de reproduzir a passagem essencial de cada uma das duas cartas de Krapótkine, publicadas em nossos n.º 9 e 13, Charles Albert, hoje neo-patriota entusiasta, escrevia há dez anos:

ESTA solução, digamo-lo já, está talhada para seduzir.

Primeiro, por ser uma conciliação. Aproxima duas coisas que cada vez mais se afastam: dum lado a revolução, do outro a defesa nacional. Depois, é generosa, cavalheiresca. Dando-se como sempre sem contar, o povo chega para tudo, toma conta de todos os encargos, do seu e do que os dirigentes são incapazes de levar a cabo. O povo faz a revolução para poder defender o solo da pátria em lugar dos incapazes e dos traidores. Defende o território para proteger a revolução contra as ordas reaccionárias que a querem destruir.

Vejamos de perto. Verificaremos que tudo isso assenta sôbre bases bem pouco sólidas. Uma dupla série de hipóteses sôbre a guerra e a revolução, e hipóteses assaz arriscadas, eis na realidade o que nos propõe Krapótkine. Pois nós pensamos que isso não basta.

Krapótkine parece não duvidar um só momento de que a França tenha em breve que se defender contra «as ordas burguesas e imperialistas dos invasores alemães, ingleses e talvez russos». O que êle prevê é quase uma guerra de princípios, é a reacção europeia «prestes a lançar os seus rebanhos obedientes contra a nação que fez 1793, 1848 e 1871 e que prepara uma nova revolução, «a social». Duma guerra tal, com efeito, poderia talvez sair a revolução. Mas há outras guerras, infinitamente mais prováveis, a propósito das quais não seria fácil desencadear o entusiasmo popular. Há guerras de apetites, de interesses capitalistas. E êsses apetites capitalistas existem em França, como nas outras partes. Há as ordas burguesas e nacionalistas francesas que podem também representar o papel de invasoras. Não seria então talvez muito fácil fazer coincidir a guerra com a revolução...

Nós faremos a revolução.

¿Mas que revolução podemos e devemos nós fazer?

E' sempre fácil dizer «a revolução»; é-o muito menos pôr alguma coisa positiva no lugar dessas sílabas.

Temos todos tendências para vestir o futuro à moda do passado; e é, parece-me, o que nisto faz Krapótkine. Dá-nos como exemplo os *sans-culottes* de 1792. Mas nós estamos em 1905. E sobretudo em França as coisas marcharam de há um século para cá. Raro é repetir-se a história com tam longo intervalo no mesmo país. E há fortes razões para crer que não teremos que recomeçar as façanhas dos nossos país.

Que em França, mais do que noutra parte, se prepara uma transformação social, primeiro que tudo económica, isso está fora de dúvida. ¿Mas quererá essa revolução entrar nas formas consagradas pelas revoluções do passado? ¿Formará um bloco cuja sorte esteja ligada à da nação? ¿Ou revestirá formas novas, imprevistas, e que serão talvez a sua melhor salvaguarda contra os empreendimentos reaccionários, tanto de fora como de dentro?

E' aos revolucionários de hoje que convêm preguntar o que será a revolução de amanhã. Ora, é visível que os homens em quem se refugiou a energia revolucionária estão todos, pelo menos em França, e seja qual for a sua classe de origem, fortemente imbuídos do que se poderia chamar o «espírito operário» e ganhos à tática operária. Krapótkine conhece o facto e com êle se regozija como nós. Todos empenham a sua confiança e energia na luta cotidiana do trabalhador como tal contra o patrão como tal: luta económica e certo modo profissional. E' na oficina, na fábrica, nos campos, que êles esperam fazer a revolução. O que êles com isto querem antes de tudo dizer é uma libertação e uma organização do trabalho. O seu novo agrupamento revolucionário, o sindicato, é um agrupamento de trabalho. Ora, tudo isso quadra muito mal à primeira vista com o nacionalismo revolucionário, o qual bem parece capaz de se harmonizar apenas com a revolução tradicional, clássica, à revolução política em suma, aquela cujo tipo consagrado pela história nos persegue sem que consigamos desfazer-nos dele.

CHARLES ALBERT.

UMA CIRCULAR DO

Grupo de acção Internacional

SECÇÃO FRANCESA

Aos que permaneceram fiéis às nobres ideas de fraternidade humana;

Aos que não fraquejaram ante as fôrças más e continuam a julgar necessárias as relações e a acção internacionais dos trabalhadores dirigimos nós êste apêlo instante.

Camaradas,

Há longos meses que nenhuma verdade se tem podido dizer à classe operária. A imprensa está inteiramente submetida às vontades dos que teem interesse em sufocar a verdade. Contra tode o espírito de justiça e de liberdade, uma Censura implacável exerce a sua ditadura oficial, e o temor e a venalidade criaram nos jornais uma Censura particular, mais implacável ainda.

E, no entanto, chegamos a uma época em que necessário se torna que algumas verdades sejam ditas. A classe operária dêste país deve conhecer o que se passa nas outras nações; deve saber quais são os sentimentos dos que vertem o mesmo sangue e as mesmas lágrimas. Informada sôbre os esforços e acção dos outros trabalhadores, não se teria a nossa classe operária sentido isolada, transviada e perdida nas falsas doutrinas de extermínio a todo o transe.

Se por entre as trevas puderam penetrar alguns clarões, foi graças a meios improvisados à pressa e graças à dedicação de poucos. Assim é que foram publicadas e espalhadas as brochuras: Relato da Conferência Internacional de Zimmerwald; «Os Socialistas e a Guerra», de Racowky; a primeira «Carta aos assinantes de *La Vie Ouvrière*».

E o que fizemos, graças à dedicação de alguns, queremos desenvolvê-lo, ampliá-lo com a ajuda de todos. Mas fique bem assente que só queremos trabalhar com os que não teem obrigação militar alguma, para que jamais nos possam acusar de enfraquecer a coragem dos que se batem. (*)

Enquanto não podemos servir-nos de outros meios, tencionamos publicar mais brochuras, mais cartas da «Vie Ouvrière» em datas mais aproximadas, de maior formato, para conterem mais informações úteis.